

Edições eletrônicas Veritatis Splendor



O DOM DAS LÍNGUAS

Prof. Alessandro Lima

Prof. Alessandro Lima

O Dom das Línguas

1ª. Edição



Direitos do Autor

Lima, Alessandro Ricardo. 1975-
O Dom das Línguas.
Brasília: 2008

(1ª edição, 44 páginas)

Bibliografia.

1. Teologia; 2. Cristianismo; 3. Doutrina da Igreja; I. Lima, Alessandro Ricardo; II. Título

CDD – 230.0

Índices para Catálogo Sistemático:

1. Crisandade: teologia cristã 230.0
2. Padres da Igreja: literatura cristã primitiva 281.1

Capa: Sílvio Medeiros.

Copyright © 2008. Todos os direitos reservados.

Livre cópia e difusão via Internet, em forma EXCLUSIVA de e-book, desde que reproduza o texto integral, sem quaisquer alterações, acréscimos, omissões ou interpretações não autorizados, preservando-se sempre os direitos do Autor. Cópia do e-book original pode ser encontrada em <http://www.veritatis.com.br>. Proibida a reprodução e distribuição total ou parcial por material impresso e sistemas gráficos, microfilmáticos, fotográficos, reprográficos, fonográficos e videográficos ou quaisquer outros sem a prévia autorização do Autor. Estas proibições aplicam-se, inclusive, às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal, cf. Lei nº 6.895, de 17.12.1980), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (artigos 102, 103 parágrafo único, 104, 105, 106 e 107 itens 1, 2 e 3, da Lei nº 9.610, de 19.06.1998 [Lei dos Direitos Autorais]).

"E virei para reunir os homens de todas as nações e de todas as línguas; todos virão e verão minha glória" (Is 66,18).

Dedicatória,

A Deus,

à minha família,

*aos meus pais Zilda e
José Estélio (in memoriam),*

*aos meus irmãos de Apostolado,
e a todos os meus leitores.*

Sumário

<u>Sobre o Autor.....</u>	<u>8</u>
<u>Introdução.....</u>	<u>9</u>
<u>Capítulo 1.....</u>	<u>11</u>
<u> O Espírito Santo como Dom de Deus.....</u>	<u>11</u>
<u>Capítulo 2.....</u>	<u>14</u>
<u> O Dom das Línguas.....</u>	<u>14</u>
<u>Capítulo 3.....</u>	<u>28</u>
<u> O falso dom de línguas.....</u>	<u>28</u>
<u>Capítulo 4.....</u>	<u>34</u>
<u> Resolvendo as dificuldades.....</u>	<u>34</u>
<u>Conclusão.....</u>	<u>42</u>
<u>Outras informações.....</u>	<u>45</u>

Sobre o Autor

Alessandro R. Lima, casado e pai, nasceu em Brasília/DF. Vindo de uma família de classe média de quatro filhos, o pai (falecido) funcionário público e mãe dona de casa.

Formado em Tecnologia em Processamento de Dados pela União Educacional de Brasília (UNEB/DF) e pós-graduado em Gerência de Projetos em Engenharia de Software pela Universidade Estácio de Sá/RJ. Trabalha como Professor Universitário e Consultor de Engenharia de Software.

Desde 1999 dedica-se ao estudo da Fé Cristã dos primeiros séculos; pelo qual foi levado a deixar o protestantismo e ingressar na Igreja Católica, no final de 2000.

Em 2002, juntamente com Carlos Martins Nabeto fundou o apostolado católico *Veritatis Splendor* (<http://www.veritatis.com.br>) – considerado um dos maiores sítios católicos em língua portuguesa - onde desde então, além das suas atribuições familiares e seculares, dedica-se à publicação de artigos referentes ao Cristianismo primitivo e à defesa da Fé Católica nas questões mais difíceis.

É autor da obra “O Cânon Bíblico – A Origem da Lista dos Livros Sagrados” editado pela Ed. COMDEUS e muito elogiado¹ pelo monge beneditino D. Estêvão Bettencourt considerado o maior teólogo brasileiro. Também de sua autoria é o ebook “A Graça, a Fé, as Obras e a Salvação”² e mais de 180 artigos publicados na internet pela defesa e promoção da fé católica.

¹Revista Pergunte e Responderemos ano XLVIII, julho 2007. No. 541.

²LIMA, Alessandro. Apostolado Veritatis Splendor: A GRAÇA, A FÉ, AS OBRAS E A SALVAÇÃO. Disponível em <http://www.veritatis.com.br/article/4552>. Desde 10/1/2007.

Introdução

Após a comemoração da Páscoa do Senhor que é a festa mais importante da Igreja - pois celebra a vitória de Cristo sobre a Morte e pela qual Ele se tornou nosso Salvador- vem a comemoração do Pentecostes, dia da inauguração da Igreja através do derramamento do Espírito Santo sobre os primeiros fiéis, conforme Cristo mesmo havia prometido (cf. At 1,4-8).

Porém esta eminente festa do calendário litúrgico cristão é de origem judaica. Nela os judeus comemoravam o recebimento da Lei de Deus por meio de Moisés, após este ter subido no Monte Sinai. Era também conhecida como Festa das Colheitas cuja instituição se encontra em Ex 23,14-17; 34,18-23.

Acredita-se que o nome Pentecostes só foi dado após o domínio grego, acerca de 300 anos A.C. Com efeito, no Antigo Testamento só encontramos referência a esse nome no Segundo Livro dos Macabeus³ (cf. 2Mc 12,32) quando entre os judeus já havia forte inculturação do mundo grego. Os gregos chamavam a Festa das Colheitas de Pentecostes, por essa ser realizada cinqüenta dias após a Páscoa.

Para os cristãos a Festa de Pentecostes é a nova Festa da Colheita, é o novo Monte Sinai. Se para os judeus o recebimento da Lei significava um marco na sua história e religião, o mesmo vale para o Pentecostes em relação aos cristãos. Se no Monte Sinai os judeus receberam em tábuas de pedra a Lei que não podia justificá-los mas apenas acusá-los (cf. Rm 3,20), no cenáculo em Jerusalém os primeiros fiéis receberam em tábuas de carne a Lei da Graça que era capaz de justificá-los. Sobre isso ensinou S. Paulo: "*Não há dúvida de que vós sois uma carta de Cristo, redigida por nosso ministério e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações*" (2Cor 3,3).

³ Este livro só se encontra em edições católicas da Bíblia, assim como os livros de Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, 1Macabeus, Tobias e adições gregas de Daniel e Ester.

Especialmente nos últimos quarenta anos a Igreja inteira tem se voltado para este tema, principalmente por causa do crescimento dos movimentos pentecostais tanto fora quanto dentro da Igreja Católica.

Nota-se claramente que tanto fiéis quanto clérigos possuem várias dúvidas quanto à autenticidade das manifestações ocorridas nestes movimentos. Muitos acreditam que os fenômenos lá ocorridos correspondem ao derramamento do Espírito Santo, como acontecera nos primeiros anos da Igreja. Sobre isso o que dizer?

Por faltar-nos autoridade e pelo tema ser bastante complexo, não será objeto deste trabalho emitir qualquer opinião ou julgamento em relação aos movimentos ditos carismáticos ou pentecostais. Afinal, somente a autoridade da Santa Igreja Católica pode emitir qualquer juízo neste sentido; como também é verdade que todo juízo das legítimas autoridades eclesiásticas não pode contradizer o que a Igreja sempre ensinou. Apresentar e defender o ensinamento perene do Sagrado Magistério, além de ser um direito de todo fiel católico⁴ é um dever que o nosso batismo e crisma nos impõem. E é neste sentido que oferecemos a presente obra aos nossos leitores e aos pastores de almas.

Cabe lembrar que este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto que é complexo, mas tão somente colaborar no debate atual "*até que todos tenhamos chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo*" (Ef 4,13).

Aproveito para agradecer a todos os meus irmãos e irmãs de apostolado que me ajudaram muito na revisão da presente obra, em especial o Carlos Nabeto. É dele o estudo sobre o uso da expressão "línguas estranhas" nas mais variadas versões bíblicas que apresento no Capítulo 2. Sou muito grato ainda ao meu caríssimo amigo Rodrigo Santana de Andradas-MG, que muito me ajudou no desenvolvimento do tema e me deu grande motivação para continuar em frente.

Não poderia deixar de agradecer também à minha querida esposa Mônica pelo seu grande apoio, especialmente nos muitos momentos em que cuidou sozinha do nosso filho e de nossa casa para que eu pudesse me dedicar a esta empresa.

⁴ cf. cânon 225,§1º do Código de Direito Canônico e Lumen Gentium 83; 97

Capítulo 1

O Espírito Santo como Dom de Deus

Ensina o Catecismo da Igreja Católica que “o Amor é o primeiro dom. Ele contém todos os demais” (cf. CIC 733). São João ensina que “Deus é Amor” (cf. 1Jo 4,8.16). Por isso Deus entregou-Se em sacrifício na Cruz por nós na pessoa de Jesus Cristo, ato do Seu de extremo amor por nós (cf Jo 15,13; Mt 26,26-28).

O Deus que venceu a Morte é o mesmo que nos insere na Vida. Por esta razão o Espírito Santo é prometido para santificar e curar os fiéis de seus pecados e males. Sobre isso ensina o Catecismo: “Pelo fato de estarmos mortos, ou, pelo menos, feridos pelo pecado, o primeiro efeito do dom do Amor é a remissão de nossos pecados. É a comunhão do Espírito Santo (2Cor 13,13) que, na Igreja, restitui aos batizados a semelhança divina perdida pelo pecado. [...] É por este poder do Espírito que os filhos de Deus podem dar fruto.”⁵.

A Igreja ensina que o Espírito Santo também é dom dado aos fiéis para que estes dêem frutos que são “caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança” (Gl 5,22-23).

Muita gente confunde os frutos do Espírito Santo com os dons do Espírito Santo. “Os dons do Espírito Santo são disposições permanentes que tornam o homem dócil para seguir as inspirações divinas. [...] Os frutos do Espírito Santo são perfeições plasmadas em nós como primícias da glória eterna.”⁶

Os Dons do Espírito Santo

Desde o AT o Senhor anunciava pela boca de seus santos profetas o advento do Espírito Santo. Por exemplo, disse o Profeta Ezequiel: “Porei em

⁵ cf. Catecismo da Igreja Católica (CIC) parágrafos 734-736.

⁶ cf. Compêndio do Catecismo da Igreja Católica n. 389-390; CIC 1832.

vós o meu espírito e vivereis” (cf. Ez 37, 6). A vida que recebemos através do Espírito Santo não foi merecida por nós, mas é puro presente de Deus, e por isso mesmo é chamado de dom. Quantos e quais são estes dons?

A primeira pista que Deus nos deu veio pela boca do Profeta Isaías:

*"Um renovo sairá do tronco de Jessé, e um rebento brotará de suas raízes. Sobre ele repousará o Espírito do Senhor, Espírito **de sabedoria e de entendimento, Espírito de prudência e de coragem, Espírito de ciência e de temor ao Senhor.** (Sua alegria se encontrará no temor ao Senhor.) **Ele não julgará pelas aparências, e não decidirá pelo que ouvir dizer"** (Is 11, 1-3).*

Por isso a Igreja ensina que são sete os dons do Espírito Santo: sabedoria, inteligência, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus⁷.

Entretanto encontramos o seguinte ensino de S. Paulo aos coríntios: *"A respeito dos dons espirituais, irmãos, não quero que vivais na ignorância. Sabeis que, quando éreis pagãos, vos deixáveis levar, conforme vossas tendências, aos ídolos mudos. Por isso, eu vos declaro: ninguém, falando sob a ação divina, pode dizer: Jesus seja maldito e ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor, senão sob a ação do Espírito Santo. Há diversidade de dons, mas um só Espírito. Os ministérios são diversos, mas um só é o Senhor. Há também diversas operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. **A cada um é dada a manifestação do Espírito para proveito comum.** A um é dada pelo Espírito uma palavra de **sabedoria**; a outro, uma palavra de **ciência**, por esse mesmo Espírito; a outro, **a fé**, pelo mesmo Espírito; a outro, **a graça de curar as doenças**, no mesmo Espírito; a outro, **o dom de milagres**; a outro, **a profecia**; a outro, **o discernimento dos espíritos**; a outro, **a variedade de línguas**; a outro, por fim, **a interpretação das línguas.** Mas um e o mesmo Espírito distribui todos estes dons, repartindo a cada um como lhe apraz" (1Cor 12,1-11).*

Pode-se observar que existe uma notável diferença entre o que diz São Paulo e o que diz o Profeta Isaías sobre os dons do Espírito Santo. Porém, estaríamos cometendo um grave erro se achássemos que estes dois servos de Deus estão em contradição. Aliás, devemos lembrar que a Escritura não se contradiz, pois é Palavra de Deus.

⁷ cf. CIC 1831.

Esta aparente contradição se resolve pelo fato de que cada um está falando sobre dons de categorias diferentes. A Igreja ensina que os dons ou graças do Espírito Santo se dividem em:

a) **graça santificante ou habitual:** *“A graça santificante é um dom habitual, uma disposição estável e sobrenatural para aperfeiçoar a própria alma e torná-la capaz de viver com Deus, agir por seu amor”*⁸. Este tipo de graça trata-se da *“vida infundida pelo Espírito Santo em nossa alma, para curá-la do pecado e santificá-la”* e é *“recebida no Batismo”*⁹.

b) **graça atual:** designa *“as intervenções divinas, quer na origem da conversão, quer no decorrer da obra da santificação”* (Ibidem). A conversão de S. Paulo que se deu no caminho para Damasco por intervenção de Cristo é um exemplo deste tipo de graça (cf. At 9,1-8).

c) **graça sacramental:** são *“dons que o Espírito nos concede, para nos sociar à sua obra, para nos tornar capazes de colaborar com a salvação dos outros e com o crescimento do corpo de Cristo, a Igreja.”* São *“os dons próprios dos diferentes sacramentos”*¹⁰.

d) **graça especial ou carisma:** As *“graças especiais, chamadas também ‘carismas’, segundo a palavra grega empregada por S. Paulo e que significa favor, dom gratuito, benefício. Seja qual for seu caráter, às vezes extraordinário, como o dom dos milagres ou das línguas, os carismas se ordenam à graça santificante e têm como meta o bem comum da Igreja. Acham-se a serviço da caridade, que edifica a Igreja. Entre as graças especiais, convém mencionar as graças de estado, que acompanham o exercício das responsabilidades da vida cristã e dos ministérios no seio da Igreja”*¹¹.

Agora ficou simples resolver a aparente divergência entre o Profeta Isaías e o Apóstolo Paulo. O primeiro está tratando dos dons que dizem respeito à graça santificante ou habitual, aquela que recebemos no batismo e nos demais sacramentos. O segundo refere-se aos dons carismáticos que dizem respeito à graça especial, também chamada graça pessoal.

⁸ cf. CIC n. 2000.

⁹ Ibidem n. 1999.

¹⁰ Ibidem n. 2003.

¹¹ Ibidem n. 2003-2004.

Capítulo 2

O Dom das Línguas

A Igreja ensina que o dom de línguas faz parte dos dons carismáticos, isto é, dos dons especiais e particulares que são extraordinários, pois os dons carismáticos ordinários são aqueles que dizem respeito ao “*exercício das responsabilidades da vida cristã e dos ministérios no seio da Igreja*”¹², como por exemplo o ministério dos acólitos, diáconos, presbíteros e bispos.

Este ensino do Novo Catecismo está em plena continuidade com o catecismo anterior, onde encontramos: “*Além das graças [santificantes, habituais e sacramentais], que tornam os homens justos e agradáveis a Deus, são também comuns a todos as graças gratuitas [gratis dadas ou especiais], entre as quais figuram a ciência, a profecia, o **dom de línguas** e de milagres, e outras da mesma natureza (cf. 1 Cor 12,8)*”¹³.

Logo pretender transformar o que é extraordinário em ordinário, ou especial em comum é contrapor-se à vontade e ordem divinas.

O Texto Bíblico fala de línguas estranhas ou estrangeiras?

Algumas pessoas defendem a tese de que o dom de línguas é um dom onde as pessoas falam línguas estranhas, isto é, línguas desconhecidas do homem, línguas não deste mundo. Fundamentam esta tese principalmente no seguinte trecho da Escritura: “*E quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo desceu sobre eles, e falavam em **línguas estranhas** e profetizavam*” (At 19,6).

Porém, a expressão “línguas estranhas” é estranha ao texto original que traz tão somente “línguas”.

¹² cf. CIC 2004; 1Tm 4,14.

¹³ Catecismo Romano ou Tridentino 1-10-25.

Através de uma pequena análise no texto de At 19,6 nas versões bíblicas mais conhecidas podemos identificar três linhas de tradução:

1) O texto não qualifica as línguas faladas, isto é, se eram “estranhas” ou “estrangeiras”. Seguem essa linha as seguintes versões bíblicas: Nova Vulgata (NV), Bíblia de Jerusalém (BJ), Bíblia do Peregrino (BP), Bíblia Sagrada da CNBB (BSC), Bíblia Sagrada Vozes (BSV), Bíblia Sagrada de Aparecida (BSA), Bíblia Sagrada Edição Pastoral (BEP), Bíblia Sagrada Palavra Viva (BPV), Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB), Almeida Revista e Corrigida (ARC), Almeida Corrigida e Fiel (ACF), Almeida Edição Contemporânea (AEC), Nova Versão Internacional (NIV); e Tradução do Novo Mundo (TNM).

2) O texto qualifica as línguas como “diversas”, no sentido de vários idiomas humanos. Seguem esta linha a Vulgata de Matos Soares (VMS), Vulgata de Antonio Pereira de Figueiredo (VPF), Vulgata de Dom Vicente (VDV), Bíblia Mensagem de Deus (BMD).

3) O texto qualifica as línguas faladas como “estranhas”, no sentido de não conhecida dos homens. Segue essa linha as versões Bíblia Sagrada Ave-Maria (BAM), Bíblia na Linguagem de Hoje (BLH), Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH).

A maioria dos biblicistas concordam que as melhores traduções e portanto, as mais fiéis ao texto original se encontram nas linhas de números 1 e 2, porque são baseadas no texto latino da Vulgata, tradução feita por S. Jerônimo no séc. IV a partir de manuscritos originais que não estão mais disponíveis hoje ou porque são traduções realizadas por especialistas a partir dos manuscritos que chegaram até nós. Sendo as versões apontadas no número 2 consideradas pelos especialistas as melhores. Logo, segundo os melhores hermeneutas bíblicos, o texto sagrado estaria se referindo a línguas diversas e não línguas desconhecidas dos homens ou de outro mundo.

Porém, mesmo que alguém adotasse como oficial a tradução que fala de "línguas estranhas", é bom recordar que o termo "estranho" pode ser perfeitamente traduzido como "estrangeiro", como demonstram os dicionários de língua portuguesa (Aurélio, Ruth Rocha, Melhoramentos, Silveira Bueno). O mesmo aponta dicionários de idiomas estrangeiros: a) Espanhol: extraño – extranjero; b) Italiano: estraneo – straniero.

De qualquer forma uma leitura atenta do texto sagrado poderá esclarecer facilmente a questão. A primeira referência que encontramos na Sagrada Escritura quanto ao carisma do dom de línguas está no livro dos Atos dos Apóstolos:

*“**Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. Achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações que há debaixo do céu. Ouvindo aquele ruído, reuniu-se muita gente e maravilhava-se de que cada um os ouvia falar na sua própria língua. Profundamente impressionados, manifestavam a sua admiração: Não são, porventura, galileus todos estes que falam? Como então todos nós os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?** Partos, medos, elamitas; os que habitam a Macedônia, a Judéia, a Capadócia, o Ponto, a Ásia, a Frígia, a Panfília, o Egito e as províncias da Líbia próximas a Cirene; peregrinos romanos, judeus ou prosélitos, cretenses e árabes; **ouvimo-los publicar em nossas línguas as maravilhas de Deus!** Estavam, pois, todos atônitos e, sem saber o que pensar, perguntavam uns aos outros: Que significam estas coisas?”* (At 2,1-12).

Aqui o testemunho da Escritura é claríssimo: no dia de Pentecostes os apóstolos e os discípulos de Jesus por obra do Espírito Santo falavam em línguas, isto é, nas línguas dos estrangeiros, de forma que podiam ser entendidos por eles.

Dizem ainda alguns que os apóstolos estariam falando em sua própria língua e sendo entendidos por pessoas de outras línguas, como numa espécie de tradução simultânea. Esta tese é completamente desfeita pelo maior Doutor da Igreja, Santo Tomas de Aquino ao comentar 1Cor 14,1-4:

*“[...] o Senhor deu-lhes o **dom de línguas**, para que a todos ensinassem, **não de modo que falando uma só língua fossem entendidos por todos**, como alguns dizem, mas sim, **bem***

literalmente, de maneira que nas línguas dos diversos povos, falassem as de todos. [...]¹⁴.

Voltemos ao texto de At 19, 6. Dissemos que aqui o texto original não traz “línguas estranhas”, mas somente “línguas”, como em At 2,4. Isto parece indicar que os doze homens (cf. At 19,7) que “*falavam em línguas*” depois que “*Paulo lhes impôs as mãos*” (cf. At 19,6), falam em línguas estrangeiras. Talvez a solução desta questão esteja na seguinte profecia do Profeta Zacarias:

*"A palavra do Senhor dos exércitos foi-me dirigida nestes termos: eis o que diz o Senhor, dos exércitos: o jejum do sexto mês como também os do quinto e do nono serão doravante para Judá dias de regozijo e de alegria, dias de festa. Eis o que diz o Senhor dos exércitos: virão ainda **muitos povos** e habitantes de grandes cidades: os habitantes de uma cidade convidarão os habitantes de outra, dizendo: Vamos e roguemos ao Senhor! Busquemos o Senhor dos exércitos! - Também eu irei. - Virão **muitos povos e poderosas nações buscar o Senhor dos exércitos em Jerusalém**, e implorar a face do Senhor. Eis o que diz o Senhor dos exércitos: **naquele dia dez homens de todas as línguas das nações tomarão um judeu pela orla de seu manto**, e dirão: queremos ir convosco, porque soubemos que Deus está convosco" (Zc 8,18-23).*

O Profeta anuncia que Deus irá reunir as pessoas de todas as línguas e que este dia terá início em Jerusalém. Ora, foi exatamente em Jerusalém que o Espírito Santo no dia de Pentecostes deu o dom de falar em línguas estrangeiras aos apóstolos e discípulos. Notem que o profeta diz que por este dom “*dez homens de todas as línguas das nações tomarão um judeu pela orla de seu manto, e dirão: queremos ir convosco, porque soubemos que Deus está convosco*”. Não é interessante que este número se assemelha ao número de doze discípulos que fez São Paulo (cf. At 19,7)?

Outro detalhe que há de se notar é que quando o Apóstolo enumera os dons carismáticos, refere-se ao dom de línguas como “*variedade de línguas*” (cf. 1Cor 12,10), isto é, no sentido das várias línguas existentes.

Diante de tantas evidências, fica praticamente impossível sustentar que Atos 19,6 o texto bíblico se refira a línguas estranhas, desconhecidas

¹⁴ Comentário de Santo Tomás de Aquino à Primeira Carta aos Coríntios. Disponível em <http://www.veritatis.com.br/article/4974>.

do homem. Tudo aponta que o texto trata de línguas estrangeiras, variedade de idiomas, fazendo uma ponte direta para Atos 2,4.

Para termos certeza se estamos indo na direção certa, devemos recorrer aos Santos e Doutores da Igreja. Afinal, são eles os mais autorizados intérpretes da Sagrada Escritura.

O Dom de Línguas na Doutrina dos Santos e Doutores da Igreja

Os Santos e Doutores da Igreja não creram e nem sustentaram uma doutrina diferente daquela que apresentamos até aqui. Todos os grifos nas citações abaixo são meus:

Santo Ireneu (séc. II) um dos mais antigos Pais da Igreja sobre o dom de línguas assim ensinou:

*"É este Espírito que Davi pediu para o gênero humano, ao dizer: 'Confirma-me pelo teu Espírito que dirige' (cf. Sl 51,14). E ainda este Espírito que Lucas nos diz ter descido, depois da ascensão do Senhor, sobre os discípulos no dia de Pentecostes, **com o poder de falar em todas as línguas dos povos** e abrir-lhes um novo testamento. Eis por que, **na harmonia de todas as línguas**, cantavam hinos a Deus, enquanto **o Espírito Santo reunia na unidade as raças diferentes** e oferecia ao Pai as primícias de todas as nações. Foi por essa razão que o Senhor prometera enviar o Paráclito que nos faria dignos de Deus. Assim como a farinha seca não pode, sem água, tornar-se uma só massa, nem um só pão, também nós não poderíamos tornar um só em Cristo, sem a água que vem do céu."*¹⁵.

*"Por isso o Apóstolo [Paulo] diz: Falamos de sabedoria entre os perfeitos, chamando perfeitos os que receberam o Espírito de Deus e **que falam todas as línguas** graças a este Espírito, como ele fazia e como ainda ouvimos muitos irmãos na Igreja, que possuem o carisma profético e que, pelo Espírito, **falam em todas as línguas**, revelam as coisas escondidas dos homens para sua utilidade e expõem os mistérios de Deus"*¹⁶.

¹⁵ cf. Contra as Heresias 3,17,2.

¹⁶ Ibidem 5,6,1.

São João Crisóstomo (séc. IV):

*"Ele desceu sobre aqueles que o Senhor Jesus havia reunido porque creram n'Ele. Ele desceu sobre a Igreja. Certamente um dom pessoal, que cada um recebeu em particular, mas porque estavam unidos, em comunhão - e justamente "no dia de Pentecostes estavam todos reunidos no mesmo lugar" (At 2, 1) - e sofreram uma transformação radical: repentinamente tomaram consciência da Palavra de Deus em seu seio e puseram-se a comunicar **em todas as línguas** as maravilhas de Deus. Donde o discurso de Pedro anunciando com audácia a Ressurreição do Crucificado àqueles mesmos que O crucificaram"¹⁷.*

Um autor africano (séc. IV):

*"**Falavam todas as línguas.** Assim aprouve a Deus manifestar a presença do Espírito Santo: fazer com que **falassem todas as línguas** aqueles que o tivessem recebido. Porquanto é preciso compreender, caríssimos irmãos, que o amor é infundido em nossos corações por meio do Espírito Santo.*

*Pela caridade é que a Igreja teria de congregar-se em todo o mundo. Por isso o que podia, então, uma pessoa ao receber o Espírito Santo – isto é, **falar todas as línguas** – pode agora a própria Igreja, já unida e congregada pelo Espírito Santo. É por isso que **fala todas as línguas.***

*[...] Com razão, pois, quando se ouviu que **falavam todas as línguas**, alguns disseram: Estão bêbados de vinho doce (At 2, 13). De fato, já se tinham tornado odres novos, renovados pela graça da santidade a fim de que, cheios de vinho novo, isto é, do Espírito Santo, fermentassem, **falando todas as línguas** e prefigurassem, por aquele milagre evidente, a Igreja católica, que haveria de estar no meio **das línguas de todos os povos.**"¹⁸.*

Santo Agostinho (séc. IV-V):

"Depois de ter passado quarenta dias com seus discípulos, subiu ao céu o Senhor ressuscitado. E no quinquagésimo dia, que hoje

¹⁷ Homilia sobre 1 Coríntios.

¹⁸ Sermão 8, 1-3. Patrologia Latina 65, 743-744. Disponível em http://www.osb.org.br/lectio_04junho06.html.

celebramos, enviou o Espírito Santo, como está escrito: De repente, veio do céu um ruído semelhante ao soprar de impetuoso vendaval. E apareceram umas como línguas de fogo, que se distribuíram e foram pousar sobre cada um deles. **E começaram a falar em outras línguas**, conforme o Espírito os impelia a falarem (At 2,2.3.4).

Aquele vento purificava os corações da palha da carne. Aquele fogo consumia o fogo da velha concupiscência. **Aquelas línguas faladas pelos que estavam repletos do Espírito Santo prefiguravam a futura Igreja, que haveria de estar entre as línguas de todos os povos.** De fato, após o dilúvio, a impia soberba dos homens construiu uma torre elevada contra o Senhor, **e o gênero humano mereceu ser dividido em línguas diversas**, começando cada povo a falar sua língua para não ser entendido pelos outros povos. Agora, ao invés, a humilde piedade dos fiéis **recolheu a diversidade destas línguas na unidade da Igreja**, onde a caridade reuniu aquilo que a discórdia tinha espalhado. E os membros dispersos do corpo humano, como membros de um único corpo, **voltam a ser unificados na única cabeça que é Cristo**, fundidos na unidade de seu santo corpo pelo fogo do amor.

[...] Vós, porém, irmãos, membros do corpo de Cristo, germes de unidade, filhos da paz, celebrai este dia alegres, celebrai-o seguros. Porque em vós se realiza aquilo que era prefigurado nos dias em que veio o Espírito Santo. Porque, como outrora quem recebia o Espírito Santo, embora fosse um homem só, **falava todas as línguas**, assim agora **fala todas as línguas**, através de todos os povos, a própria unidade. Estabelecidos nela, possuis o Espírito Santo, os que não estais separados por nenhum cisma da Igreja de Cristo **que fala todas as línguas.**¹⁹.

“Quando desceu o Espírito Santo sobre os discípulos, **estes falaram as línguas de todos e por todos foram entendidos.** As línguas divididas se uniram em uma. Logo, se todavia ensinam e são gentis, é conveniente ter diversas línguas. Dizem ter uma língua? Vejam a Igreja, porque em meio da diversidade de línguas de carne, existe uma só na fé do coração.”²⁰.

¹⁹ Santo Agostinho, Sermão 271. Disponível em <http://www.osb.org.br/lectio14.htm>.

²⁰ Ennarrationes in Psalmos, 2,54,BAC, Madrid, 1965, p.344. Texto retirado do Livro Carismas – Coleção Paulo Apóstolo vol.3 – RCC. Pg 87.

São Gregório Magno (séc. V):

*“Os que tentaram edificar uma torre contra os desígnios de Deus, perderam o uso da mesma língua, e nos que temiam humildemente a Deus **foram unidas todas as línguas da terra**. Neste dia a humildade recebeu por prêmio esta graça; na construção da torre, a soberba recebeu como castigo a confusão.”²¹.*

A apostolicidade deste ensinamento se comprova pelo fato de que também as igrejas católicas de rito bizantino também o repete:

*"Também em Babel as línguas foram divididas! Exatamente! **O que se passa no Pentecostes é exatamente o contrário do que se passou em Babel**. Em Babel, por orgulho, foram as línguas dos homens que se dividiram, de modo que eles não se compreendiam mais e foram, por isso, divididos, separados, dispersos. **Em Pentecostes é o dom de Deus que se divide para estender-se a cada um e reuni-los a todos**: a partir desse momento os homens que receberam o Espírito Santo **anunciam todos a mesma palavra**, a Palavra de Deus, e fazem-se compreender por todos os homens pois **falam todas as línguas**. As barreiras lingüísticas são ultrapassadas pela Palavra do Deus Único, tornada compreensível a todos **pelo dom das línguas**. É o que nos explica o kondakion de Pentecostes"²².*

*"Ele desceu sobre aqueles que o Senhor Jesus havia reunido porque creram n'Ele. Ele desceu sobre a Igreja. Certamente um dom pessoal, que cada um recebeu em particular, mas porque estavam unidos, em comunhão - e justamente “no dia de Pentecostes estavam todos reunidos no mesmo lugar” (At 2, 1) - e sofreram uma transformação radical: repentinamente tomaram consciência da Palavra de Deus em seu seio e puseram-se a comunicar em **todas as línguas** as maravilhas de Deus. Donde o discurso de Pedro anunciando com audácia a Ressurreição do Crucificado àqueles mesmos que O crucificaram"²³.*

²¹ Homilia sobre os Evangelhos, livro II, 10(305) sobre São João, 14,23-31, Obras Completas. BAC, Madrid, 1.958, p.686 - texto retirado do Livro Carismas – Coleção Paulo Apóstolo vol.3-RCC. Editora Santuário. Pg 85-86.

²² Tropário de Pentecostes, Tom. 8. Disponível em http://www.ecclesia.com.br/ekklesia/biblioteca/liturgia/a_festa_de_pentecostes.htm.

²³ Kondakion de Pentecostes, antigo canto católico oriental. Ibidem nota 19.

Santo Tomás de Aquino (séc. XIII), o Doutor Angélico, o mais santo dos doutores e o mais doutor dos santos, cuja doutrina foi recomendada por tantos Papas, deixou-nos o seguinte ensino sobre o dom carismático extraordinário das línguas:

*“os primeiros discípulos de Cristo foram escolhidos para percorrerem o mundo pregando a sua fé a todos, como se lê no Evangelho de Mateus: “Ide e ensinai a todos os povos”. Ora, não era conveniente que aqueles que eram enviados para instruir os outros, precisassem ser instruídos por eles sobre a maneira de lhes falar ou de **compreender sua linguagem**. Sobretudo por que estes enviados eram da mesma nação, da Judéia como havia predito Isaías: Aqueles que saíram impetuosamente de Jacó encheram com sua raça a face da terra. Além disso, os discípulos enviados eram pobres e sem poder; eles não teriam encontrado facilmente, desde o começo, **intérpretes fiéis para traduzir suas palavras ou lhes explicar as dos outros, principalmente por terem sido enviados a povos infiéis**. Por esta razão, era necessário que Deus lhes viesse em socorro **com o dom das línguas**, a fim de que, como se havia introduzido a diversidade de línguas, quando os homens começaram a dar-se à idolatria, como se lê no livro de Gênesis, assim se desse o remédio a essa diversidade, quando tivessem que ser convertidos ao culto de um só Deus. [...] Uma Glosa de Gregório [Papa] assim comenta: “O Espírito Santo apareceu sobre os discípulos em línguas de fogo e lhes deu o conhecimento **de todas as línguas**”²⁴.*

*“Porquanto **o dom de línguas** devemos saber que como na Igreja primitiva eram poucos os consagrados para ensinar pelo mundo a fé de Cristo, a fim de **que mais facilmente e a muitos anunciassem a palavra de Deus**, o Senhor deu-lhes **o dom de línguas**, para que a todos ensinassem, não de modo que falando uma só língua fossem entendidos por todos, como alguns dizem, mas sim, bem literalmente, de maneira que **nas línguas dos diversos povos, falassem as de todos**. Pelo qual disse o Apóstolo: Dou graças a Deus porque **falo as línguas de todos vós** (1Co 14,18). E em Atos 2,4, se disse: Falavam em várias línguas, etc. E na Igreja primitiva muitos alcançaram de Deus este dom. [...] Pois os coríntios, que eram de indiscreta curiosidade, preferiam esse dom que o da profecia. **E aqui por falar em língua**, o Apóstolo entende que em língua*

²⁴ Summa Teológica 2-2. Q176. Disponível em <http://hjj.com.ar/sumat/c/c176.html>. Traduzido por Rodrigo Santana.

desconhecida e não explicada: como se alguém falasse em língua teutônica a um galês, sem explicá-la, esse tal fala em língua."²⁵.

A Igreja desde os tempos mais remotos sempre ensinou que o dom carismático de falar em línguas, consiste no falar em línguas estrangeiras e não estranhas ou ininteligíveis. Este ensinamento perene mudou depois do Concílio Vaticano II?

O Magistério recente da Igreja sobre o Dom de Línguas

O Magistério Vivo da Igreja ao contrário do que alguns pensam, durante o Concílio Ecumênico do Vaticano II e mesmo depois dele, não se afastou, mas, reafirmou a doutrina tradicional sobre o dom de línguas:

*“O Espírito Santo [...] no dia de Pentecostes desceu sobre os discípulos para permanecer eternamente com eles; que a Igreja foi publicamente manifestada ante a multidão; **que pela pregação se iniciou a difusão do Evangelho entre as nações**; que enfim foi prefigurada a união dos povos na catolicidade da fé mediante a Igreja da Nova Aliança **que fala todas as línguas**, compreende e abraça na caridade **todos os idiomas** e assim supera a dispersão de Babel”*²⁶.

*“[...] À luz da fé, a comunicação humana deve ser considerada como um percurso **de Babel a Pentecostes**, ou seja, o empenho, pessoal e social, de superar o colapso da comunicação (cf. Gên11,4-8) **abrindo-se ao dom de línguas** (cf. At 2,5-11), **à comunicação restabelecida pela força do Espírito, enviado pelo Filho.**”*²⁷.

*“Além destas razões, a Igreja tem motivos próprios para se interessar dos meios de comunicação social. Considerada à luz da fé, a história da comunicação humana pode ser vista como uma longa viagem desde Babel, lugar e símbolo da decadência da comunicação (cf. Gn 11,4-8), **até ao Pentecostes e ao dom das línguas** (cf. Act 2,5-11) — **a comunicação restabelecida pelo poder do Espírito transmitido pelo seu Filho.** Enviada ao*

²⁵ Ibidem nota 11. Comentário de 1Cor 14,1-4.

²⁶ cf. Concílio Vaticano II, Decreto Ad Gentes n. 4.

²⁷ cf. Compêndio da Doutrina Social da Igreja, n. 562.

mundo para anunciar a boa nova (cf. Mt 28,19-20; Mc 16,15), a Igreja tem a missão de proclamar o Evangelho até ao fim dos tempos. [...]”²⁸.

*"**No dia de Pentecostes**, teve a sua mais exata e direta confirmação aquilo que fora anunciado por Cristo no discurso da despedida; em particular, o anúncio de que estamos a tratar «O Consolador [...] convencerá o mundo quanto ao pecado». Nesse dia, sobre os Apóstolos congregados no mesmo Cenáculo em oração, juntamente com Maria, Mãe de Jesus, desceu o Espírito Santo prometido, como lemos nos Atos dos Apóstolos: «Todos ficaram cheios de Espírito Santo e começaram **a falar em outras línguas**, segundo o Espírito lhes concedia que se exprimissem» (cf. At 2,4) «reconduzindo desse modo **à unidade as raças dispersas** e oferecendo ao Pai as primícias de todas as nações»²⁹.*

*[...] E no dia de Pentecostes esse anúncio realiza-se com toda a exatidão. Agindo sob o influxo do Espírito Santo, recebido pelos Apóstolos quando estavam em oração no Cenáculo, São Pedro apresenta-se e **fala diante de uma multidão de pessoas de diferentes línguas**, reunidas para a festa.»³⁰.*

Não foi diferente o Magistério dos últimos Papas da Santa Igreja Católica:

*“[...] **no dia de Pentecostes** [...] os Apóstolos reunidos no cenáculo de Jerusalém ‘ficaram todos cheios do Espírito Santo’ (At 2, 4). Isto deu-se de forma invisível, mas estava simultaneamente unido a um sinal expressivo. Era o sinal do vento impetuoso e do fogo: ‘...veio do céu um ruído, como se soprasse um vento... e encheu toda a casa onde estavam’ (At 2, 2). E, ao mesmo tempo, ‘apareceram-lhes uma espécie de línguas de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles’ (At 2, 3). ‘Cheios do Espírito Santo... começaram a falar **em outras línguas** conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem’(At 2, 4).*

²⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA AS COMUNICAÇÕES SOCIAIS, *Ética nas Comunicações Sociais* n.3. Em 04 de julho de 2000.

²⁹ cf. Sto. Ireneu de Lião em *Contra as Heresias* III, 17,2.

³⁰ Papa João Paulo II, *Dominum et vivificantem* n.30.

2. A Igreja nascia no **dom das línguas**. **As línguas significavam a multiplicidade e variedade dos povos**, que ao longo dos séculos deviam entrar na mesma comunidade da Igreja de Cristo.

‘Como então todos nós os ouvimos falar, cada um em nossa língua materna?’ (At 2, 8), perguntavam os peregrinos presentes diante do cenáculo, vindos para a festa em Jerusalém. Os Atos dos Apóstolos descrevem nominalmente os habitantes dos sítios que tomaram parte diretamente no nascimento da Igreja pelo sopro do Espírito Santo. Eis que todos: ouvimo-los anunciar em **nossas línguas** as maravilhas de Deus’ (At 2, 11).³¹.

"A festa dos santos Apóstolos Pedro e Paulo é ao mesmo tempo uma grata memória das grandes testemunhas de Jesus Cristo e uma solene confissão em favor da Igreja una, santa, católica e apostólica. É antes de tudo uma festa da catolicidade. **É sinal do Pentecostes a nova comunidade que fala em todas as línguas e une todos os povos num único povo**, numa família de Deus e este sinal tornou-se realidade"³².

"[...] As imagens que São Lucas usa para indicar o irromper do Espírito Santo o vento e o fogo recordam o Sinai, onde Deus se tinha revelado ao povo de Israel e lhe tinha concedido a sua aliança (cf. Êx 19, 3ss). A festa do Sinai, que Israel celebrava cinqüenta dias depois da Páscoa, era a festa do Pacto. Falando de línguas de fogo (cf. Act 2, 3), São Lucas quer representar o **Pentecostes como um novo Sinai**, como a festa do novo Pacto, na qual a Aliança com Israel se alarga a todos os povos da Terra. A Igreja é católica e missionária desde a sua origem. A universalidade da salvação é significativamente evidenciada **pelo elenco das numerosas etnias a que pertencem todos os que ouvem o primeiro anúncio dos Apóstolos** (cf. Act 2, 9-11).

O Povo de Deus, que tinha encontrado no Sinai a sua primeira configuração, hoje é ampliado a ponto de não conhecer qualquer fronteira de raça, cultura, espaço ou tempo. Diferentemente do que tinha acontecido com a torre de Babel (cf. Jo 11, 1-9), quando os homens, intencionados a construir com as suas mãos um caminho

³¹ Papa João Paulo II, Homilia na Solenidade de Pentecostes. Em 7 de Junho de 1992,

³² Papa Bento XVI, Homilia na solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, na Quarta-feira dia 29 de Junho de 2005.

*para o céu, tinham acabado por destruir a sua própria capacidade de se compreenderem reciprocamente. **No Pentecostes o Espírito, com o dom das línguas, mostra que a sua presença une e transforma a confusão em comunhão.** O orgulho e o egoísmo do homem geram sempre divisões, erguem muros de indiferença, de ódio e de violência.*

*O Espírito Santo, ao contrário, torna os corações capazes de compreender **as línguas de todos**, porque restabelece a ponte da comunicação autêntica entre a Terra e o Céu. O Espírito Santo é Amor."³³.*

*"A Igreja é católica, porque o Evangelho se destina a todos os povos e por isso, já desde o início, o Espírito Santo faz com que ela **fale todas as línguas**"³⁴.*

Como era de se esperar, mesmo depois do Concílio Vaticano II, a doutrina da Igreja sobre o dom de línguas continua a mesma. Afinal, a Igreja possuiu um corpo doutrinário perene.

O dom de línguas no Tanqueray

Por Tanqueray, é conhecido o renomado *Compêndio de Teologia Ascética e Mística de Adolph Tanqueray*, "riquíssimo em conteúdo e firmíssimo na sua doutrina"³⁵. Nele encontramos a seguinte doutrina sobre o dom de línguas:

*"**1514.** As revelações, de que acabamos de falar, são dadas sobretudo para utilidade pessoal; as graças gratuitamente dadas são no principalmente para a utilidade dos outros. São, efetivamente, dons gratuitos extraordinários e transitórios, conferidos diretamente para bem dos outros, posto que podem indiretamente servir também para santificação pessoal. São Paulo menciona-os com o nome de carismas; na Epístola aos Coríntios distingue nove, que provém todos do mesmo Espírito:*

³³ Papa Bento XVI, Homilia na Solenidade de Pentecostes. 4 de Junho de 2006.

³⁴ Papa Bento XVI, REGINA CAELI, Solenidade de Pentecostes, no Domingo de 27 de Maio de 2007.

³⁵ TANQUERY, Adolf. *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. Anápolis: AMEM – Aliança Missionária Eucarística Mariana, 2007. Prefácio à Edição Brasileira, pg [15].

1515. [...] 8) *O dom das línguas, que, em São Paulo, é o dom de orar em língua estranha com certo sentimento de exaltação; segundo os teólogos é o dom de falar várias línguas*³⁶.

Primeiro devemos notar que o Tanquerey afirma que os carismas são extraordinários e transitórios, conforme vimos antes através do Catecismo da Igreja. Quando refere-se especificamente sobre o dom de línguas, pontua que no entendimento dos teólogos (conforme vimos na doutrina dos Santos e Doutores da Igreja) o falar língua estranha que se pode entender nos textos paulinos é o falar em várias línguas.

³⁶ Ibidem, pg. 785.

Capítulo 3

O falso dom de línguas

Para discernirmos se os fenômenos místicos são de origem divina, ou diabólica, quais normas deveríamos usar? As manifestações de origem demoníaca são marcadas pela soberba, vaidade e pelo espetáculo. Já as de origem divina são marcadas pela beleza e harmonia com "Depósito da Fé". Tudo o que não coincide com este Depósito é suspeito de interferências indébitas.

O Diabo trabalha sem descanso para ridicularizar a obra de Deus, principalmente com falsificações. Misteriosamente Deus permite que ele interfira mesmo em assembléias onde todos estão reunidos para louvar e adorar a Deus. Citaremos alguns testemunhos da Sagrada Escritura a este respeito:

Em Jó 1,6 lemos que *"um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, **veio também Satanás entre eles**"* (Jó 1,6).

No episódio da aliança entre os Reis Acabe (de Israel) e Jeosafá (de Judá) para atacar o Rei Ramot de Gallad, Deus permitiu que um espírito enganador se colocasse na boca dos profetas de Israel:

*"Miquéias replicou: Ouve o oráculo do Senhor: Eu, vi o Senhor sentado no seu trono e todo o exército dos céus ao redor dele, à direita e à esquerda. O Senhor disse: Quem seduzirá Acab, para que ele suba e pereça em Ramot de Galaad? Um disse uma coisa e outro, outra. Então um espírito adiantou-se e apresentou-se diante do Senhor, dizendo: Eu irei seduzi-lo. O Senhor perguntou: De que modo? Ele respondeu: **Irei e serei um espírito de mentira na boca de seus profetas.** - É isto, replicou o Senhor. Conseguirás seduzi-lo. Vai e faze como disseste. **O Senhor pôs um espírito de mentira na boca de todos os profetas aqui presentes, mas é a tua perda que o Senhor decretou**"* (1Rs 22,19-23 ; ver também 2Cr 18, 21-22).

É necessário dizer que nem toda interferência indébita é origem demoníaca, mas pode ser também meramente humana. Muitas vezes aqueles que se dizem guiados por Deus e que fazem crer aos outros que estão anunciando oráculos do próprio Deus, estão na verdade anunciando tão somente frutos do seu próprio imaginário e vontade. Disto também a Sagrada Escritura nos dá testemunho:

*“Entre os profetas samaritanos vi absurdos: **profetizaram em nome de Baal** e desencaminharam meu povo de Israel. Mas, entre os profetas de Jerusalém vejo coisas hediondas: adultério e hipocrisia. Encorajam os maus, para que nenhum se converta da maldade. A meus olhos são todos iguais a Sodoma e seus congêneres semelhantes a Gomorra. [...] Eis o que diz o Senhor dos exércitos: não escuteis os profetas que vos transmitem vãos oráculos; **são visões do próprio espírito que vos divulgam, e não as palavras do Senhor.***

Não cessam de proclamar aos que me desprezam: Oráculo do Senhor: tudo irá bem para vós! e aos que seguem, obstinadamente, as tendências do coração dizem ainda: Nada de mal vos acontecerá. Mas qual deles assistiu à deliberação do Senhor? Quem o viu, e lhe escutou a palavra? Quem a ouviu e lhe prestou atenção?

*[...] **Não enviei tais profetas:** são eles que correm; **nem jamais lhes falei;** e, no entanto, proferiram oráculos. Houvessem eles assistido à minha deliberação, e seriam minhas as palavras que haveriam de proferir, fazendo que meu povo renunciasse à perversidade de seu procedimento.*

*[...] Ouço o que dizem os profetas **que proferem em meu nome falsos oráculos.** Tive um sonho. Tive um sonho! Quanto tempo vai durar isso? Julgam esses profetas, **ao proferirem mentiras e as imposturas de seus corações,** que irão, pelos sonhos que contam uns aos outros, tornar meu nome esquecido do povo, assim como aconteceu a seus pais, que esqueceram o meu nome por causa do de Baal?*

[...] Conte o profeta o sonho que tiver! Mas, a quem for dado ouvir-me a palavra, que fielmente a reproduza. Que vem fazer a palha com o grão? - oráculo do Senhor.

[...] *Eis por que - oráculo do Senhor - vou lançar-me contra os profetas **que imitam minhas revelações** falando a outros. Vou pedir contas aos profetas, cujas línguas não vacilam em proclamar: oráculo do Senhor. Irei contra os profetas **de sonhos enganadores** que, ao narrá-los, ludibriam com mentiras e fatuidade o meu povo, quando **nem missão lhes outorguei**, nem mandato algum, e de nenhuma valia são para esse povo - oráculo do Senhor” (Jr 23,13-32).*

Falso dom de línguas no cristianismo primitivo

Santo Ireneu em sua eminente obra *Contra as Heresias* relata que um sujeito de nome Marcos com o auxílio de demônios fazia mulheres incautas pensarem que estavam profetizando em nome de Deus:

*“Ele [Marcos] dá a entender **que teria um demônio como assistente** que o faz profetizar, a ele e a todas aquelas mulheres que julgar dignas de participar de sua Graça. [...] Então ele repete algumas invocações que arrebatam a infeliz seduzida e diz: Abre a boca, dize qualquer coisa e profetizarás. E aquela excitada por estas palavras e sentindo ferver na alma a ilusão de começar a profetizar e o coração pulsar mais forte do que de costume, anima-se e se põe a profetizar todas as tolices que lhe vêm à cabeça, **sem sentido** e sem hesitar, justamente por ser inflamada por espírito vazio.*

[...] *Quem manda é maior e mais poderoso de quem é mandado, porque aquele governa e este obedece. Se um Marcos qualquer ou outro dão ordens, como costuma fazer nos seus jantares, toda essa gente brincando de oráculos, ordenando uns aos outros profetizarem coisas que são do seu desejo, então aquele que manda deve ser maior e mais poderoso do que o Espírito profético, mesmo homem, o que é impossível. **Mas os espíritos que recebem ordem deles, que falam quando eles querem, são terrenos e fracos, temerários e irreverentes, são enviados por Satanás para seduzir e arruinar aos que não sabem guardar firmemente a fé que receberam no princípio da Igreja**”³⁷.*

³⁷ cf. *Contra as Heresias* 1,13,3-4.

Para Santo Ireneu, esses espíritos que faziam as pessoas dizerem coisas “*sem sentido e sem hesitar*” eram “*terrenos e fracos, temerários e irreverentes [...] enviados por Satanás para seduzir e arruinar*”.

Eusébio, Bispo de Cesaréia na Palestina e historiador da Igreja, em sua obra História Eclesiástica (séc. IV) nos traz relatos de outro caso semelhante. No livro V da referida obra, ele transcreve o combate de Apolinário (séc II), Bispo de Hierápolis, contra a heresia de Montano, chamada montanista ou catafrígia. Diz o Bispo Apolinário que:

*“Recentemente eu estava em Ancira da Galácia e encontrei a Igreja local perturbada **pela novidade**, não da profecia, conforme eles dizem, mas antes da **pseudo-profecia**, como será demonstrado. À medida que pude, com o auxílio do Senhor, discutimos em todas as ocasiões a respeito deles e dos argumentos que apresentavam, durante vários dias, em comunidade. Assim, a Igreja se alegrou e fortificou na verdade; os adversários foram na oportunidade batidos e nossos inimigos se contristaram”³⁸.*

Que novidade era esta que confundiu a Igreja de Ancira na Galácia? Que embuste foi apresentado nesta Igreja como o legítimo carisma da profecia e que mereceu o combate do zeloso Bispo?

*“Diz-se haver na Mísia, nos limites da Frigia, uma aldeia chamada Ardabu e ali, em primeiro lugar, um dos novos crentes, chamado Montano, quando Grato era procônsul da Ásia, **deu acesso ao inimigo**, levado pela ambição imoderada de ocupar os primeiros lugares. Como um possesso, em falso êxtase, pôs-se a falar em seus excessos, **a proferir palavras estranhas** e a profetizar **de forma inteiramente oposta ao uso tradicional conservado pela antiga tradição da Igreja**”³⁹.*

Assim, como Santo Ireneu, Apolinário (que era seu contemporâneo) nos dá mais um testemunho bem antigo, de que o “*proferir palavras estranhas*” como se estivesse profetizando por Graça de Deus, é na verdade obra de Satanás e “*inteiramente oposta ao uso tradicional conservado pela antiga tradição da Igreja*”. Continua Apolinário:

³⁸ cf. História Eclesiástica 5,16,4.

³⁹ cf. História Eclesiástica 5,16,6.

“Entre os ouvintes destes discursos corruptos, uns, não suportando essa espécie de energúmeno, **demoníaco, possesso do espírito do erro**, que perturbava as multidões, censuravam-no e impediam-no de falar, lembrados da exposição do Senhor e da advertência sobre a vigilância acerca da vinda dos falsos profetas (Mt 7,17). Outros, ao invés, como que exaltados por causa do Espírito Santo e do carisma profético [isto é, pensando ser obra de Deus], sobretudo inchados de orgulho e esquecidos da exortação do Senhor, estimulavam **o espírito insensato, lisonjeiro e sedutor do povo**, encantados e enganados por ele a ponto de se tornar impossível fazer com que se calasse.

Por algum artifício ou antes por tais malefícios, **o diabo planejava a perdição** dos que não lhe obedeciam e **de modo indigno fazia-se cultuar por eles**. Excitava e inflamava o espírito deles já entorpecido, longe da verdadeira fé. Suscitou ainda duas mulheres, repletas de um espírito bastardo, **que se puseram a falar insensatamente e a contratempo, de modo estranho, semelhante a ele [...]**⁴⁰.

Orígenes (séc. III), considerado o pai da ciência bíblica, nos dá testemunho de seu combate contra o mesmo tipo de pretensa-profecia por carisma do Espírito Santo:

“[...] a estas presunções [de se achar falando movido pelo Espírito Santo] eles [os falsos profetas] acrescentam **termos desconhecidos, incoerentes, totalmente obscuros**, cuja significação nenhum homem razoável seria capaz de descobrir **por estarem por demais desprovidos de clareza e de sentido [...]**

Os profetas, segundo a vontade de Deus, disseram **sem nenhum sentido oculto tudo o que se podia ser compreendido de imediato pelos ouvintes como útil e proveitoso para a reforma dos costumes**. Mas, tudo o que era mais misterioso e mais secreto, dependendo de contemplação que ultrapassa os ouvintes comuns, eles revelaram **em formas de enigmas, alegorias, ‘discursos obscuros’, ‘parábolas ou provérbios’**[...]”⁴¹.

⁴⁰ cf. História Eclesiástica 5,16,8-9.

⁴¹ cf. Contra Celso 7,9-10.

Este é o testemunho de alguns dos eminentes defensores da ortodoxia dos primeiros séculos. E segundo o testemunho deles, o profetizar ou falar em êxtase ininteligível não corresponde à ação da Graça de Deus que se dá nos carismas. Cabe lembrar que as palavras deles, são um testemunho confiável, tanto pela sua antiguidade quanto pelo louvor que outros escritores e santos da Igreja lhe deram posteriormente.

Devemos lembrar que vários grupos heréticos que viveram durante a Idade Média como os jansenistas (séc VIII), os “profetas de Cevennol” que viveram na França (séc XVI), os tembladores ou Shakers e os irvingites (séc XIX), todos eles foram adeptos da prática do falar ininteligível como se fosse dom do Espírito Santo. E ainda hoje essa prática é muito difundida entre os protestantes pentecostais e neo-pentecostais.

Portanto, se o embuste de Satanás aconteceu no passado é bem provável que aconteça hoje, afinal este inimigo de Deus trabalhará para a danação dos homens até o fim dos tempos (cf. Lc 22,31).

Capítulo 4

Resolvendo as dificuldades

Conforme demonstramos, não há fundamento na doutrina perene da Igreja para se afirmar que o dom carismático de línguas seja um falar ininteligível. Provavelmente muita confusão se dá por causa de certos pontos difíceis de entender nas cartas paulinas. Por isso, devemos nos lembrar do alerta do primeiro Papa, São Pedro:

"Nelas [nas cartas de S. Paulo] há algumas passagens difíceis de entender, cujo sentido os espíritos ignorantes ou pouco fortalecidos deturpam, para a sua própria ruína, como o fazem também com as demais Escrituras" (cf. 2Pd 3,16).

As línguas mencionadas em todos os textos bíblicos e no Magistério da Igreja se referem ao dom carismático de línguas como idiomas e não línguas desconhecidas ou estranhas. No Pentecostes está claro que as línguas eram idiomas variados (cf. Atos 2, 1-13, 2,7-11).

Depois que apresentamos a doutrina perene da Igreja sobre o dom de línguas, conforme o fundamento da Escritura e da Tradição, procuraremos agora eliminar dúvidas legítimas que possam impedir o fiel de cumprir com seu dever de aderir sem reservas à perene Doutrina Católica, respondendo às seguintes objeções:

Objeção 1: *Em Marcos 16,17 Jesus diz que os fiéis que receberão o Espírito Santo falarão novas línguas, dando a entender línguas que ainda não são conhecidas pelos homens.*

Resposta: O texto de Mc 16,17 é: *"Estes milagres acompanharão os que crerem: expulsarão os demônios em meu nome, falarão **novas línguas**".* Aqui Nosso Senhor referindo-se a "*novas línguas*" usa o termo grego *kainós glossa*, que significa "novo idioma" quanto ao uso e não quanto ao conhecimento no sentido de jamais visto. Ademais, se Cristo estivesse se referindo a línguas não conhecidas na terra, suas palavras estariam em desacordo com o anúncio dos Profetas e do próprio testemunho de Pentecostes.

Objecção 2: *Em At 2,13 o texto parece indicar também a existência da glossolalia (idioma sem sentido, ininteligível) por causa do comentário de alguns que estavam presentes.*

Resposta: Em At 2,13 lemos: “*Outros, porém, escarnecendo, diziam: Estão todos embriagados de vinho doce*”. Este versículo aparece logo após o texto sagrado testemunhar que os apóstolos e discípulos estavam falando na língua de outros povos, de tal forma que eram entendidos por eles (vs 1-12).

O próprio texto diz que por causa da solenidade de Pentecostes “*achavam-se então em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações que há debaixo do céu*” (vs 5). Logo, seria totalmente normal que um judeu árabe não entendesse o que um dos apóstolos estava falando em grego, ainda mais sabendo que a língua deles era o aramaico. De outra forma, poderia um judeu grego estar ouvindo Tomé falando em sírio, sabendo que sua língua natal era o aramaico. Ora, quem iria pensar que aqueles homens simples e sem instrução estariam falando outros idiomas? Claro que achariam que estavam bêbados, e não sob a ação miraculosa do Espírito Santo.

Objecção 3: *São Paulo em 1 Cor 14,1-4 reconhece existir um tipo de dom de línguas que é ininteligível aos homens que é usado para se falar somente a Deus.*

Resposta: São Paulo não diz que o dom de línguas é ininteligível aos homens, mas que “*ninguém o entende, pois fala coisas misteriosas, sob a ação do Espírito*” (cf. 1Cor 14,2). Santo Tomás comentando este trecho ensinou:

“Também é falar em língua o falar de visões somente, sem explicá-las. [...] Mas o que só a Deus é falado, compreende-se que o próprio Deus fala. Pelo qual disse: Mas o Espírito de Deus fala mistérios, isto é, coisas ocultas (1Cor 14,2). Porque não sereis vós que falareis, senão o Espírito de vosso Pai é que falará em vós. (Mt 10,20).”⁴².

⁴²AQUINO, Santo Tomás de. COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS DE AQUINO À 1A. CARTA DE SÃO PAULO AOS CORÍNTIOS. <http://www.veritatis.com.br/article/4974>.

Logo, quando se fala a Deus em línguas, fala-se coisas misteriosas e não palavras sem sentido.

Objecção 4: *São Paulo difere o dom de línguas das orações em línguas.*

Resposta: O Apóstolo não difere o dom de línguas das orações em línguas. Na verdade a diferença que há é somente na sua aplicação, conforme nos ensina Santo Tomás comentando 1Cor 14,13-17:

*"Já mostra acima o Apóstolo a excelência do dom da profecia sobre o dom das línguas, com razões tomadas da parte da exortação, e agora demonstra o mesmo com razões tomadas da parte da oração, pois, **em efeito, estas duas coisas, a oração e a exortação, às exercitamos com a língua.** [...] [S. Paulo] Disse que o dom de línguas sem o dom da profecia carece de valor, e pelo mesmo, como o interpretar é próprio da profecia, que é mais excelente que aquele, o que fala **em línguas desconhecidas ou estranhas, ou de ocultos mistérios**, peça, é claro que a Deus, o dom de interpretar, ou seja, que lhe seja dada a graça de interpretar. Orai para que Deus nos abra uma porta (Colos. 4,3).*

*[...] E a oração pública quando se ora frente ao povo e pelos demais; e **em ambas as orações pode usar-se do dom das línguas e do dom da profecia.** E se trata de demonstrar que em uma e outra oração vale mais o dom da profecia que o dom das línguas".*

A oração em línguas não é um carisma diverso do dom de línguas, mas apenas uma aplicação deste último na oração. Note que S. Tomás também aplica o dom da profecia à oração. Caso contrário, teríamos também a oração em profecia. No entanto, o dom de línguas e o dom da profecia podem ser aplicados na exortação ou na oração.

Objecção 5: *O dom de línguas é falar em línguas ininteligíveis, tanto que S. Paulo ensina que este dom é complementado por outro que interpreta sua mensagem.*

Resposta: Quando Paulo fala que deve haver intérprete, a palavra para "intérprete" aqui (1 Cor. 12,10; 14,26-27) é "diérmeneutes" (διερμηνευτής), que, no grego, refere-se à interpretação de um idioma.

Ainda, S. Tomás (conforme vimos na resposta à objeção 3) ensinou que o falar em línguas é também o falar coisas misteriosas, logo é preciso que tal mistério também seja explicado para que traga proveito a todos.

Objeção 6: *Falar em línguas é o mesmo que falar na língua dos anjos*

Resposta: Essa objeção tem origem numa especulação indevida das seguintes palavras de S. Paulo: “*Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine*” (1Cor 13,1).

S. Tomás de Aquino comentando 1Cor 13,1-3 nos ensina:

“[...] Vejamos agora o que se entende por 'língua dos anjos', pois sendo a língua um membro do corpo, a cujo uso pertence o dom de língua, que às vezes se chama 'língua' - como se verá mais abaixo (capítulo XIV) - **nem uma coisa nem outra parece ter a ver com os anjos, que não possuem membros.** Pode-se dizer então que **por 'anjos' deve-se entender os homens com 'ofício de anjos', isto é, os que anunciam as coisas divinas a outros homens,** como diz Malaquias: 'Nos lábios do sacerdote deve estar o depósito da ciência e de sua boca será aprendida a Lei, visto que ele é o anjo do Senhor dos exércitos' (2,7), de maneira que, **neste sentido, se diz:** 'se eu falasse as línguas de todos os homens ou a língua angélica', ou seja, **se falasse 'como aqueles que ensinam os outros, não apenas os mestres das primeiras letras, mas também os doutores'.** Pode-se também entender o texto: 'fazes com que teus anjos sejam como os ventos' (Salmo 103), que os anjos incorpóreos, ainda sem língua material, a possuem por semelhança - podemos assim dizer - na força com que manifestam a outros o que guardam na mente”⁴³.

O doutor angélico nos ensina que falar na língua dos anjos é falar em termos mais elevados. É como se o Apóstolo tivesse dito : “*ainda que eu falasse a língua dos simples e dos doutores*”. S. Paulo refere-se ao nível do aprofundamento do anúncio e não a um pseudo-idioma dos anjos.

⁴³ Comentário de Santo Tomás à Primeira Carta aos Coríntios. Disponível em <http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/es/dc2.htm#cv>. Tradução por Rodrigo Santana.

Objecção 7: São Paulo está se referindo ao dom de línguas quando fala em gemidos inefáveis na Carta aos Romanos.

Resposta: Se fosse verdade o Apóstolo teria abordado o tema em sua primeira carta aos coríntios, quando ensina exatamente sobre o dom de línguas.

A palavra usada por S. Paulo que foi traduzida por “gemidos” é “stenagmos” (στεναγμός). É também usada em At 7,34: “*Considerarei a aflição do meu povo no Egito, ouvi os seus **gemidos** (στεναγμός) e desci para livrá-los. Vem, pois, agora e eu te enviarei ao Egito*”.

O termo “stenagmos” refere-se a manifestações do coração, como sofrimento, angústia, saudade etc. Emprego do termo grego não deixa dúvidas de que o Apóstolo estava falando das manifestações do coração humano, da linguagem própria que vem do coração.

Santo Tomás, comentando Rm 8,26 nos ensina:

*"E diz-se que esses gemidos são inexplicáveis, ou porque são por algo que é inexplicável, como o é a glória celestial (as palavras inexplicáveis que não são dadas ao homem para se expressar: 2Co 12,4); ou porque os próprios movimentos do coração não se podem explicar suficientemente, enquanto que procedem do Espírito Santo."*⁴⁴.

O que se expressa bela boca, mesmo que sejam palavras sem sentido, é exprimível, caso contrário não seriam expressas pela boca. Mas, o que vem do coração, isso sim é inexprimível.

Em Rm 8,26 S. Paulo ensina que o Espírito Santo nos ajudará a rezar como se deve: com o coração e não somente com palavras (cf. Mt 15,8). Isso “*porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém*”.

⁴⁴ Comentário de Santo Tomás à Carta aos Romanos. Disponível em <http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/es/df3.htm#bt>. Tradução por Carlos Nabeto.

Este socorro do Espírito Santo havia sido anunciado pelo Profeta Ezequiel:

"Dar-vos-ei um coração novo e em vós porei um espírito novo; tirar-vos-ei do peito o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne" (Ez 36,26).

Objecção 8: Santo Agostinho se refere a um dom de línguas com palavras sem sentido em seu comentário ao Salmo 32.

Resposta: No referido comentário ao Salmo 32 de Santo Agostinho, lemos:

*"[O Senhor] te dá um estilo para cantar. Não procures palavras como se pudesse explicar em que Deus se compraz. Canta 'com júbilo'. Cantar bem a Deus é cantar com júbilo. O que quer dizer: cantar com júbilo? Entender, **não poder explicar com palavras o que se canta no coração.** Pois aqueles que cantam na colheita, na vinha, em algum trabalho pesado, começando a exultar de alegria por meio das palavras dos cânticos **e estando repletos de tanta alegria que não podem exprimi-la, deixam as sílabas das palavras e emitem sons jubilosos.***

*O júbilo é som significativo de que o coração está concebendo o indizível. E diante de quem é conveniente tal júbilo senão diante do Deus inefável? Inefável é aquilo de que é impossível falar. **E se não podes falar e não deves calar, o que resta senão jubilar?** O coração rejubila sem palavras e a imensidão do gáudio não se limita a sílabas. 'Cantai-lhe bem com júbilo'".*

Como vimos anteriormente Santo Agostinho ao falar do dom de línguas refere-se ao falar várias línguas (ver Cap. 2). Logicamente que este grande Santo e Doutor da Igreja não poderia estar se contradizendo agora. Cabe notar, que no comentário acima, ele não se refere ao dom de línguas, mas a um tipo de louvor a Deus muito especial, o louvor que brota das entranhas do nosso coração.

Além disto, Santo Tomás comentando 1Cor 14,13-17, explica que o dom de línguas se aplica somente à exortação e à oração (ver resposta à objeção no. 4). Aqui Santo Agostinho trata de louvor.

Embora o júbilo possa ter como causa uma ação do Espírito Santo, esta alegria máxima não pode ser confundida com o carisma do dom de línguas. Santo Agostinho ao falar do júbilo o relaciona às alegrias do nosso cotidiano, ensinando que até aqueles que “cantam na colheita, na vinha, em algum trabalho pesado, começando a exultar de alegria por meio das palavras dos cânticos e estando repletos de tanta alegria que não podem exprimi-la, deixam as sílabas das palavras e emitem sons jubilosos”.

Exemplos de sons jubilosos, isto é, sons que não possuem sentido nas palavras, mas que expressam grandes emoções: “urraaaa!”, “Uau!”, “Aheeeee! Ruaiiiii!” etc.

Os carismas são dons especiais dados por Deus através do Espírito Santo para a utilidade de toda Igreja, além de serem transitórios. Júbilo é a expressão máxima do que está em nosso coração, seja provocado pelo Espírito Santo ou por alegrias meramente terrenas.

Objecção 9: *Muitos dizem que Santa Teresa D'Avila possuía o dom das línguas.*

Resposta: O renomado Compêndio de Teologia Mística e Ascética de Adolf Tanquerey distingue bem entre os fenômenos místicos contemplação infusa e os carismas. O fenômeno contemplação infusa é “uma vista simples e intuitiva de Deus e das coisas divinas que procede do amor e tende ao amor. São Francisco de Sales define-a: ‘uma atenção amorosa e permanente do espírito às coisas divinas’” (TANQUEREY 1386)⁴⁵ ; já os carismas são “as graças gratuitamente dadas são no principalmente para a utilidade dos outros. São, efetivamente, dons gratuitos extraordinários e transitórios, conferidos diretamente para bem dos outros, posto que podem indiretamente servir também para santificação pessoal.” (TANQUEREY 1514)⁴⁶.

Santa Teresa D'Avila não experimentou o carisma do dom de línguas, mas várias modalidades da contemplação infusa. Sua experiência mais conhecida neste tipo de fenômeno místico é o da união estática em sua primeira fase (possui três fases: êxtase simples, o arroubamento e o vôo do espírito cf. TANQUEREY 1458).

⁴⁵ TANQUEREY, Adolf. Compêndio de Teologia Mística e Ascética. Anápolis: Ed. AMEM – Animação Missionária Eucarística Mariana, 2007. Pg 716.

⁴⁶ Ibidem pg 785.

Durante o êxtase espiritual a pessoa perde os sentidos para o mundo material, envolvendo-se totalmente na experiência mística:

“Ouçamos a Santa Teresa; “Sente (a alma) ser ferida saboriosissimamente, mas não atina como, nem quem a feriu, mas bem conhece ser coisa preciosa, e jamais quereria ser curada daquela ferida. Queixa-se com palavras de amor, ainda exteriormente, sem poder fazer outra coisa a seu Esposo, porque entende que está presente mas não se quer manifestar de maneira, que deixe gozar-se, e grande pena, posto que saborosa e doce; e ainda que queria não tê-la, não pode, mas isto não quereria jamais. Muito mais a satisfaz que o embebecimento saboroso, que carece de pena, da oração de quietude” (TANQUEREY 1458)⁴⁷

Em seus escritos Santa Teresa relata ter seu coração transpassado por uma espada de um anjo, o que lhe causava grandes dores. Esta sua experiência mística ficou muito famosa e foi retratada na famosa escultura do artista Bernini⁴⁸.

⁴⁷ Ibidem pg. 757.

⁴⁸ Disponível em

<http://www.telecable.es/personales/angell1/escbar/bernini/extasis.htm>.

Conclusão

A doutrina da Igreja sobre o dom de línguas expressa em seus documentos, no catecismo e no testemunho dos seus Santos e Doutores é muito clara quanto a ser uma manifestação extraordinária do Espírito Santo, onde se concede àquele que o recebe falar em línguas diversas ou falar coisas misteriosas na língua em que todos entendem.

Tudo que Deus dispensa em Sua Igreja é para a utilidade de todos. Por isso S. Paulo ao falar dos carismas preferia o dom de profecia ao dom de línguas (cf. 1Cor 14,5.39). Manifestações que visam mais o espetáculo do que a utilidade dos membros da Igreja, com toda certeza não são segundo a vontade de Deus. Por isso, ao falar dos carismas extraordinários, o Apóstolo sempre dava instruções que desencorajassem a indiscrição e o espetáculo:

"Se há quem fala em línguas, não falem senão dois ou três, quando muito, e cada um por sua vez, e haja alguém que interprete" (1Cor 14,27).

"Suponhamos, irmãos, que eu fosse ter convosco falando em línguas, de que vos aproveitaria, se minha palavra não vos desse revelação, nem ciência, nem profecia ou doutrina?" (1Cor 14,6).

"Mas prefiro falar na assembleia cinco palavras que compreendo, para instruir também os outros, a falar dez mil palavras em línguas" (1Cor 15,19).

Cabe aos movimentos e grupos que se dizem carismáticos ou pentecostais cumprirem estas santas e sábias recomendações do apóstolo. Em tempo:

"[...] os grandes místicos são unânimes em ensinar que não se deve nem desejar nem pedir estes favores extraordinários. É que, de fato, não são meios extraordinários. É que, de fato, não são meios necessários para chegar à união divina; e às vezes até, por causa das nossas tendências más, são antes obstáculos à união divina. É o que mostra em particular São João da Cruz o qual afirma que este desejo de revelações tira a pureza da fé, desenvolve uma curiosidade perigosa que é fonte de ilusões, embaraça o

espírito com vãos fantasmas, denota muitas vezes falta de humildade e submissão à vontade de Deus Nosso Senhor, que, pelas revelações públicas, nos deu tudo quanto nos é necessário para nos conduzir ao céu.

E assim, insurge-se com força contra esses diretores imprudentes que favorecem este desejo de visões. Há alguns, diz o Santo, que levam tal modo e estilo com as almas que têm as tais coisas, que ou as fazem errar ou as embarçam com elas, ou não as levam por caminho de humildade, e lhes dão mão a que ponham muito os olhos de alguma maneira nelas, que é a causa de não caminhar pelo puro e perfeito espírito da Fé, e não lhes edificam a Fé nem as fortalecem nela, prestando-se a longas conversas acerca daquelas coisas.

No qual lhes dão a sentir que gostam e fazem muito caso daquilo e, por conseguinte o fazem elas, e ficam-se-lhes as almas postas naquelas apreensões, e não edificadas na Fé, e vazias e despojadas e desprendidas daquelas coisas, para voarem em alteza de Fé obscura ... E daqui saem muitas imperfeições pelo menos; porque a alma já não fica tão humilde, pensando que aquilo é alguma coisa e que tem alguma coisa boa e que Deus faz caso dela, e anda contente e algum tanto satisfeita de si, o que é contra a humildade ... (Alguns confessores), como vêem que as ditas almas têm tais coisas de Deus, pedem-lhes roguem a Deus lhes revele ou diga tais ou tais coisas tocantes a elas ou a outras, e essas almas são tão néscias que o fazem, pensando que é lícito querer sabê-lo por aquela via ... e a verdade é que Deus nem gosta disso nem o quer". (TANQUEREY 1496).

Neste sentido vale a pena também lembrar a exortação do Concílio Vaticano II sobre este tema:

"[...] Não devemos pedir temerariamente estes dons, nem esperar deles com presunção os frutos das obras apostólicas; é aos que governam a Igreja que pertence julgar da sua genuinidade e da conveniência do seu uso, e cuidar especialmente de não extinguir o espírito, mas tudo ponderar, e reter o que é bom (cf. Lts 5,12-21 e 19-21)".⁴⁹.

⁴⁹ cf. *Lumen Gentium* n. 12.

Com efeito, o Concílio lembrou muito bem que cabe somente à Igreja julgar a autenticidade das manifestações que se dizem carismáticas. Porém, este julgamento só pode ocorrer segundo "*o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo por pedra angular o próprio Cristo Jesus*" (cf. Ef 2,20).

É o que também nos lembra o Compêndio do Catecismo da Igreja Católica: "*Os carismas são dons especiais do Espírito Santo concedidos a cada um para o bem dos homens, para as necessidades do mundo e em particular para a edificação da Igreja, a cujo Magistério cabe discerni-los*" (CCIC n. 160).

Meditando nas palavras da primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios, nos dias atuais qual carisma extraordinário traria maior proveito para a Igreja: línguas ou profecia? O Apóstolo quando ensinou sobre estas coisas falou por si mesmo ou por Deus? Vejamos: "*Se alguém se julga profeta ou agraciado com dons espirituais, reconheça que as coisas que vos escrevo são um mandamento do Senhor*" (1Cor 14,37).

Poderia Deus ter mudado de opinião? Cabe aos fiéis refletir e aos pastores julgar com sabedoria, fundamentados não só na doutrina perene da Igreja, mas também no seu juízo:

*"Quem em nossos dias, **espera** que aqueles a quem são impostas as mãos para que recebam o Espírito Santo, devem portanto falar em línguas, saiba que **esses sinais foram necessários para aquele tempo**. Pois eles foram dados com **o significado** de que o Espírito seria derramado sobre os homens de todas as línguas, para demonstrar que o Evangelho de Deus seria proclamado em todas as línguas existentes sobre a Terra. Portanto o que aconteceu, **aconteceu com esse significado e passou**"⁵⁰.*

*"Posto isso, não é, absolutamente, admissível excogitar-se ou guardar uma segunda, mais ampla e fecunda "aparição ou revelação do Espírito Divino"; a que atualmente se efetua na Igreja é deveras perfeita, e nela permanecerá incessantemente até que a Igreja militante, após o percurso do seu período de lutas, seja transplantada para as alegrias da Igreja triunfante no céu."*⁵¹.

⁵⁰ Santo Agostinho -Homilias em 1 João 6 10; NPNF2, v. 7, pp. 497-498.

⁵¹ Papa Leão XIII, Encíclica *Divinun Illud Múnus*, n°10.

Outras informações

Contatos com o autor:

Alessandro@veritatis.com.br

Ou pelo sítio <http://www.veritatis.com.br>.

Doações:

Titular: Alessandro Ricardo Lima

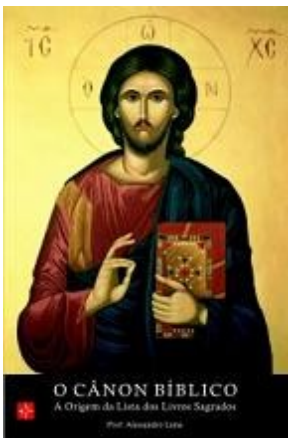
Banco: Banco do Brasil

Agência: 1003-0

Conta-corrente: 688.104-1

Sua ajuda proporcionará que outras obras do autor possam ser distribuídas de forma totalmente gratuita auxiliando a evangelização e a defesa da Verdade. Que Deus recompense a sua generosidade.

Visite o sítio **Veritatis Splendor**: <http://www.veritatis.com.br>



Do mesmo autor conheça também o livro “*O Cânon Bíblico – A Origem da Lista dos Livros Sagrados*”.

Informações em

<http://www.veritatis.com.br/article/4091>.

A Resenha da obra elaborada por D. Estevão veja em

<http://www.veritatis.com.br/article/4516>.